

Sarney não faz comentário sobre sua candidatura

Depois de se ter declarado candidato à presidência do Senado, o senador José Sarney, presidente do PDS, disse ontem que é muito cedo para se tratar do problema, evitando fazer qualquer comentário a respeito da iniciativa do senador Aloísio Chaves (PDS-PA) de se lançar candidato a candidato dentro de seu partido.

Sarney negou que tenha tomado o cuidado de fazer qualquer consulta prévia ao Palácio do Planalto, afirmado que não precisa de outra indicação para postular o cargo, além dos seus 28 anos de mandatos ininterruptos e de uma experiência política que nem seus adversários lhe podem recusar. Sarney acha que "é muito cedo para tratar disso".

ASPIRAÇÃO

Ao fim de 1979, o senador José Sarney declarou-se candidato a presidente do Senado, sendo vencido porque o governo considerou o senador Jarbas Passarinho, seu então líder naquela Casa, como o candidato natural. Na bancada do PDS comenta-se que, escolhendo Passarinho, o Planalto preteriu os senadores José Sarney e Nilo Coelho, que aspiravam presidir o Senado.

O senador Jarbas Passarinho explicou na ocasião que uma dificuldade para o senador José Sarney chegar a presidente da Casa foi que ele desejava acumular o cargo com a presidência do partido. Um senador do PDS lembrou, a propósito, que Petrônio Portela chegou a acumular a presidência da antiga Arena com a liderança do governo no Senado, mas não com a presidência do partido.

O senador Filinto Muller, lembrou o mesmo político, acumulou a presidência da Arena com a liderança do governo do Senado, mas não com a presidência daquela instituição. Muitos políticos do PDS acham que Sarney é o mais forte candidato a presidente daquela Casa.

Tem-se como pacífico, entre os políticos, que o governo terá condições de conservar a maioria absoluta no Senado, bastando que eleja 8 dos 25 senadores a serem eleitos em 82 (um para cada um dos 22 Estados e mais três em Rondônia). Essa maioria absoluta garante ao PDS indicar o candidato a ser eleito num acordo com os demais partidos em fevereiro, quando das eleições para renovação das Mesas das duas Casas do Congresso.

Além do senador José Sarney, são aspirantes ao cargo de presidente do Senado, dentro do partido oficial, os senadores Aloísio Chaves (PDS-PA), vice-líder da bancada do Governo, Nilo Coelho, líder da bancada, e Luiz Viana Filho, que já ocupou a presidência no período 79-80.

INCERTEZA

Se é praticamente certo que o futuro presidente do Senado sairá dos quadros de PDS, na Câmara reina a incerteza. O próprio Governo admite que perderá a maioria absoluta, ainda que conserve a maioria simples. Majoritários, os partidos da oposição poderão se unir para eleger o futuro presidente da Câmara dos Deputados.

Assim mesmo, estão lançados como candidatos dentro do PDS, a esta altura, os deputados Flávio Marcílio — que foi presidente da Casa duas vezes — e Homero Santos, este atualmente 1º vice-presidente do PDS. Outros nomes poderão surgir, como o do ex-

Governo não mudará a Lei Falcão, garante o presidente do PDS

O senador José Sarney, presidente nacional do PDS, revelou ontem ter tomado conhecimento de que o governo decidira não promover qualquer alteração na Lei Falcão, mantendo, portanto, as restrições à propaganda eleitoral gratuita, através de informação que lhe foi transmitida pelo líder da maioria no Senado, Nilo Coelho.

"A Lei Falcão não é essencial. Importante não é discutir a Lei Falcão, mas mobilizar os partidos para as eleições de 15 de novembro deste ano. Afinal de contas, estamos utilizando os grandes veículos de comunicação de massa, como o rádio e a televisão mesmo com a Lei Falcão, que apenas regula a propaganda eleitoral gratuita", assinalou o presidente do PDS.

DIFICULDADE

Ainda que houvesse um desejo generalizado em favor de uma alteração na chamada Lei Falcão, não haveria condições de encontrar consenso em torno de um projeto, segundo José Sarney, uma vez que o clima de disputa eleitoral em todo o país impede qualquer entendimento.

— Se não se chegou a um entendimento em torno do modelo de cédula eleitoral, como chegaremos a um acordo em torno de algo ainda mais polêmico, como a propaganda eleitoral gratuita? — acrescentou o presidente do PDS.

Sarney criticou o manifesto lançado pelos candidatos a governador e senador do PMDB, classificando-o de "documento eleitoreiro e apressado e, de algum modo, displicente, quando resolve propor o desenvolvimento de uma tecnologia para cata de papel".

Ainda a respeito do manifesto lançado pelos candidatos a governador e senador do PMDB, o presidente do PDS disse que o maior partido da oposição já tem um Estado onde aplicar seu protótipo de Governo — o Estado do Rio de Janeiro, hoje governado por Chagas Freitas, que é do PMDB.

O senador Sarney pretendia ocupar a tribuna do Sendo para responder o manifesto lançado pelos candidatos do PMDB a governador e senador, mas, diante das respostas dadas pelo ministro Delfim Netto, no Jornal Nacional da TV Globo, acha que o governo já deu a resposta satisfatória.